



FREZZATTI JR., Wilson Antonio. **Nietzsche contra Darwin**. 2. Ed. ampliada e revista. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

Oscar Augusto Rocha Santos

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, MG, Brasil

Em um curto, porém contundente texto do início do século passado, Freud expõe aquelas que seriam as três afrontas ao narcisismo da humanidade: a afronta cosmológica vinculada a Copérnico; a afronta biológica associada a Darwin; e a afronta psicológica proposta pelo próprio Freud¹. Assumindo assim o risco de cometer alguma injustiça com relação aos demais distintos pensadores do século XIX, creio poder afirmar que o naturalista inglês Charles Darwin tenha sido aquele que alterou e determinou, de maneira mais ampla e profunda, os rumos não só da então recentemente emancipada ciência biológica, mas também das chamadas humanidades, incluindo aí desde a literatura até a filosofia. A tarefa de compreender a história do pensamento contemporâneo exige de nós, como condição prévia e inescapável, a compreensão do darwinismo e suas consequências, seus desdobramentos e a influência que exerceu sobre a intelectualidade de sua época.

Muito embora se autodenomine um extemporâneo, Nietzsche viveu e pensou sua época como poucos o fizeram, o que certamente o coloca, dado o impacto que a obra de Darwin exerceu desde suas primeiras publicações, sob a influência, se não do darwinismo propriamente dito, ao menos de certa perspectiva evolucionista mais ampla. Mas o que seria esse

¹ FREUD, 2010.

“darwinismo propriamente dito” e em que medida ele se distingue de uma “perspectiva evolucionista mais ampla”? Estas e outras importantes questões indispensáveis para um bom entendimento da relação entre Nietzsche e Darwin são tratadas no livro do professor e pesquisador Wilson Frezzatti Junior, objeto desta resenha. Publicado primeiramente em 2001, *Nietzsche contra Darwin* é resultado da pesquisa de mestrado do Professor Frezzatti e recebe agora em 2014 uma segunda edição ampliada e revista. Neste meio tempo, vieram a público diversos trabalhos que, assim como o estudo do Professor Frezzatti, se propõem a problematizar a relação de Nietzsche com Darwin, o que reafirma sua importância como referência indispensável para todos que se dedicam à pesquisa da obra nietzschiana em geral, mas sobretudo para aqueles que se interessam por temas ligados à relação de Nietzsche com a biologia ou mesmo com as ciências naturais em geral.

O livro mantém basicamente a mesma estrutura da primeira edição, porém com o acréscimo de um capítulo complementar. O primeiro capítulo (*Darwinismo e darwinismos*) busca esclarecer o caráter multifacetado do darwinismo, discriminando os principais sentidos assumidos pelo termo ao longo de sua construção e recepção; esta primeira abordagem não só expõe ao leitor a dificuldade de se reduzir as diversas acepções do darwinismo a um sentido único, mas também e sobretudo ajuda a determinar quais dentre estes sentidos estariam já de saída à margem de qualquer tentativa de contraposição ao pensamento nietzschiano. A solução encontrada pelo autor foi assumir como critério “o que Nietzsche entende por darwinismo”², ou seja, analisar as considerações que Nietzsche tece sobre Darwin e o darwinismo e a partir daí buscar compreender suas críticas. Uma vez definidos estes primeiros parâmetros, os dois capítulos seguintes são dedicados à exposição dos principais conceitos constituintes da teoria darwinista e que serão alvo da crítica nietzschiana: a luta pela existência e a seleção natural. No segundo capítulo (*A crítica de Nietzsche à luta pela existência*) o autor discute a ideia de luta, central tanto ao pensamento de Darwin como de Nietzsche, destacando entretanto suas principais diferenças - enquanto o naturalista inglês apresenta a luta fundamentalmente como luta pela existência, o filósofo alemão propõe uma concepção mais abrangente, como luta por dominação e poder; enquanto a primeira visa à conservação, a segunda se define pela necessidade de superação. Na sequência, se valendo dos argumentos anteriormente discutidos

² FREZZATTI JR, p. 52.

acerca da contraposição entre superação e conservação, o terceiro capítulo (*A vida como superação contra a seleção natural*) apresenta a crítica de Nietzsche à tese da seleção natural como principal mecanismo de transformação dos organismos, tendo como foco sua ligação com certa noção geral de progresso rejeitada pelo filósofo alemão. O quarto capítulo (*Nietzsche contra a biologia de sua época: Haeckel, Lamarck e Darwin*) é dividido em duas seções, frutos de artigos publicados previamente pela *Scientiae Studia*, nas quais o autor aborda, primeiramente, as objeções de Nietzsche ao darwinista Ernst Haeckel e, em seguida, a polêmica vinculação do filósofo alemão ao eugenismo. Na primeira seção (*Nietzsche contra Haeckel: aspectos da crítica ao mecanicismo no século XIX*) o autor destaca a importância das leituras que Nietzsche fez de Ernst Haeckel, principal representante do *Darwinismus* no contexto alemão da época, de modo que o princípio da vontade de poder (*Wille zur Macht*) possa ser inclusive pensado como uma espécie de resposta crítica ao mecanicismo desenvolvido pelo naturalista alemão. Já na segunda seção (*A construção da oposição entre Lamarck e Darwin e a vinculação de Nietzsche ao eugenismo*) o autor analisa os argumentos mobilizados por Claire Richter em *Nietzsche e as teorias biológicas contemporâneas* (1911) a fim de expor um mau uso da oposição entre Darwin e Lamarck; segundo Frezzatti, a autora propõe uma contraposição enviesada e tendenciosa do pensamento proposto por ambos os biólogos, tendo em vista a vinculação de Nietzsche ao eugenismo como estratégia de justificação filosófica.

Deixando de lado os pormenores da argumentação desenvolvida nas partes específicas do livro, nota-se que há uma questão central que de certo modo se articula como base para as diversas críticas apresentadas: como o próprio autor afirma na introdução do estudo, o principal ponto de desacordo e que dá ensejo às críticas de Nietzsche a Darwin é a diferença na concepção de vida assumida por cada um deles. É por discordar do modo como Darwin definia a vida que Nietzsche irá tecer seus ataques ao naturalista inglês, seja em relação à luta pela existência como princípio da evolução, seja em relação à seleção natural como mecanismo de mudança dos organismos. Assim, o argumento central poderia ser resumido da seguinte forma: Darwin via a vida a partir de uma ótica malthusiana de escassez de recursos, o que por sua vez determinaria a própria dinâmica da relação entre os organismos como uma luta por sobrevivência e conservação; Nietzsche adota uma perspectiva bastante diferente e considera a natureza como um espaço geralmente caracterizado pela abundância de recursos, fazendo com que a luta assumida

uma outra lógica, regida pela vontade de poder, ou seja, pela necessidade de intensificação das forças e pelo exercício da dominação. As críticas mais pontuais que Nietzsche fez a Darwin seriam apenas desdobramentos desse desacordo primordial acerca da vida, seu sentido e sua dinâmica.

Ainda pensando nos traços mais gerais do livro, como pano de fundo para essa discordância acerca da vida e sua dinâmica, vale destacar a importância dada à leitura do livro *A luta das partes no organismo* (1881), de Wilhelm Roux, para a formulação dos principais argumentos de Nietzsche contrários ao darwinismo. Mesmo diante da incerteza quanto ao fato de Nietzsche ter lido ou não as principais obras de Darwin, é certo que esse contato tenha se dado intensamente por meio de leituras secundárias, ligadas de modo positivo ou negativo ao darwinismo. Dentre diversas destas leituras citadas e discutidas ao longo do livro, as considerações de Roux sobre o darwinismo se destacam como sendo talvez aquelas que de maneira mais incisiva fomentaram a crítica nietzschiana. Na questão da luta, por exemplo, as ideias de Roux são incorporadas por Nietzsche às suas próprias objeções, como modo de evidenciar seu caráter abrangente, algo que se encontra nas bases da formulação do princípio da vontade de poder. Segundo Frezzatti, enquanto Darwin pensa a luta como ação direta dos indivíduos para sua sobrevivência - seja em relação a outros indivíduos, seja em relação ao ambiente - Roux extrapola esse limite, incluindo os níveis mais básicos do organismo nesta lógica beligerante. Para o biólogo alemão, a luta interna se dá em três etapas: primeiro, há uma *luta entre as moléculas orgânicas* pelos nutrientes no espaço intracelular, de modo que a preponderância de uma sobre as demais resulta na diferenciação ontogenética; há também uma *luta entre as células* que, igualmente ao caso anterior, se dá por nutrição em um espaço limitado, tendo como resultante a formação e diferenciação dos tecidos e órgãos; por fim temos então a *luta entre tecidos e órgãos* que, muito embora mantenha o mesmo mecanismo dos níveis inferiores, inclui certas exigências relativas à sobrevivência do organismo como um todo. Segundo Roux, a luta entre as partes do organismo é condição prévia para pensarmos a luta pela sobrevivência de indivíduos e espécies, além de oferecer uma explicação alternativa para aspectos da evolução para os quais a seleção natural não apresenta resposta satisfatória. Nietzsche não só se apropria desta noção de uma luta generalizada entre as partes do organismo como a expande e modifica de modo que sejam incluídos como implicações dessa realidade agonística também os pensamentos, os valores, o intelecto e a

consciência, de modo que o próprio sujeito passa a ser entendido como uma multiplicidade de forças.

Além disso, Frezzatti sugere que as teses de Roux serviram também de modelo para que Nietzsche criticasse a seleção natural de Darwin aplicada à moralidade. Segundo o autor, Nietzsche se vale do mecanismo da adaptação funcional - proposto por Roux como explicação para o desenvolvimento de estruturas e funções que extrapolariam a lógica da seleção natural - como modelo para uma espécie de seleção cultural. Roux propõe que os estímulos externos - tais como o clima, por exemplo - podem agir como fator de diferenciação das partes em luta no organismo, gerando uma relação de dependência entre o estímulo e o desenvolvimento de uma dada estrutura; uma vez suprimido, o estímulo deixa de ser fator de diferenciação e a estrutura se atrofia. A seleção cultural de Nietzsche funcionaria a partir de um modelo semelhante, ou seja, estímulos externos desfavoráveis à conservação de um grupo - tais como as condições naturais ou principalmente a luta com outros grupos concorrentes - com o tempo produzem características específicas que determinam a fixação de um tipo dominante; caso estes estímulos percam intensidade, a tendência é que o tipo dominante também perca sua força. Conforme o próprio autor, para Nietzsche “a seleção (...) atua no âmbito cultural. As características responsáveis pelo sucesso de um grupo são valorizadas (...), tornam-se virtudes e são transformadas em regras de conduta que são ensinadas às gerações posteriores, o que seleciona o tipo considerado como bom.”³ No entanto, muito embora esta aproximação com a adaptação funcional de Roux seja um bom modo de entender o viés descritivo da teoria moral nietzschiana, na medida em que a bem coloca sob bases naturalistas, creio que alguns pontos não tocados merecem menção.

Segundo Frezzatti, “a seleção proposta pelo filósofo alemão se diferencia da seleção natural por meio de dois aspectos principais: 1. O modo de atuação; e 2. As bases nas quais estão assentadas o processo seletivo.”⁴ O primeiro aspecto - que chamo aqui de viés descritivo - tem de fato um enorme ganho de compreensão a partir da aproximação com o modelo de adaptação funcional de Roux. Entretanto, gostaria de discutir o segundo aspecto, na medida em que envolve também questões normativas, ou seja, a descrição da seleção cultural como mecanismo de fixação dos valores a

³ FREZZATTI JR, p. 110.

⁴ FREZZATTI JR, p. 109.

partir de uma luta por conservação vem acompanhada de uma defesa da superação como força que garante a mudança, a transformação. Em outras palavras, trata-se de entender porque “as críticas que Nietzsche dirige contra o darwinismo, ou seja, contra a luta pela existência e contra a seleção natural têm como alvo principal a conservação transformada em ideal ou objetivo supremo da humanidade.”⁵ Como já foi ressaltado anteriormente, segundo Frezzatti, o centro da argumentação mobilizada por Nietzsche contra Darwin provém de uma discordância fundamental a respeito da vida: enquanto Darwin vê a vida como luta por conservação, Nietzsche a vê como luta por superação. Entretanto, me parece que seria de grande ajuda incluir a possibilidade de que essa discordância tenha suas razões em objeções de outra ordem que não a biológica.

Thomas Brobjer afirma em seu estudo sobre Nietzsche e os Ingleses que o interesse do filósofo alemão no darwinismo “estava relacionado quase que exclusivamente ao seu interesse pelos humanos e pela cultura humana, e não a um interesse biológico mais geral”⁶; também Dirk Johnson em seu *Nietzsche's Anti-Darwinism* sugere que “crítica fundacional das suposições cardinais de Darwin” feita por Nietzsche “não é baseada no darwinismo como ciência biológica”⁷. Em acordo com estes comentadores, penso que o que realmente interessava Nietzsche no darwinismo eram suas implicações para a reflexão sobre os valores e a moral. Neste sentido, me parece fundamental para o bom entendimento das críticas de Nietzsche a Darwin ponderar sua anterior adesão e aproximação não apenas do darwinismo, mas também e sobretudo do pensamento inglês em geral. Ainda segundo Johnson, “Darwin não pode escapar à crítica mais ampla dos ‘psicólogos ingleses’, pois Nietzsche o tratou como um igual em meio a uma iniciativa filosófica maior que buscava estabelecer a moralidade em uma nova plataforma naturalista, não metafísica.”⁸ A mudança de atitude em relação ao darwinismo, ocorrida por volta de 1883, não parece ser descrita da melhor forma quando se diz apenas que Nietzsche abandona uma posição darwinista e assume uma posição antidarwinista, sem destacar as razões que extrapolam o âmbito

⁵ FREZZATTI JR, p. 178.

⁶ BROBJER, p. 236

⁷ JOHNSON, p. 4

⁸ JOHNSON, p. 5

biológico. Assim, concordando com Brobjer, penso que se trate de uma mudança “baseada em *valores* - especialmente valores tais como passividade e utilidade - os quais Nietzsche não compartilha”⁹. Neste mesmo sentido, é preciso pensar a relação de Nietzsche com Spencer como uma tentativa frustrada de aproximação que em muito motivou as posições críticas ao darwinismo do período de maturidade. Essa é a posição defendida também por Maria Cristina Fornari; segundo ela, a mudança de atitude anteriormente destacada e que marca uma espécie de recomeço na filosofia nietzschiana - principalmente com as primeiras formulações do sentimento de poder como alternativa ao sentimento de prazer à época da redação de *Aurora* - encontra ao menos em parte sua razão “na relação de Nietzsche com a filosofia inglesa, em particular com o evolucionismo spenceriano, e em menor escala com o utilitarismo de John Stuart Mill, do qual Nietzsche se aproxima conscientemente no fim de 1879.”¹⁰

O que pretendo com estes últimos comentários é apenas propor uma perspectiva complementar à discussão promovida pelo Professor Frezzatti em seu livro. Creio que o empenho em contextualizar o darwinismo à época de Nietzsche, bem como as críticas do filósofo em relação a seus principais conceitos teriam um ganho explicativo a partir da contraposição com momentos anteriores nos quais a teoria evolucionista de Darwin era mais bem recebida pelo filósofo. Esta mudança na avaliação de Nietzsche sobre Darwin e o darwinismo não me parece ser um caso isolado; outros pensadores bem avaliados por Nietzsche durante o período intermediário de sua obra, como Epicuro e Paul Rée, por exemplo, também passam a ser duramente criticados nos livros de maturidade. A questão que me parece fundamental aqui é entender o que estes pensadores têm em comum, o que leva Nietzsche a assumir uma postura crítica em relação a eles, qual a semelhança entre os argumentos mobilizados nessas críticas. Tendo em mente o que o autor nos afirma ser o principal ponto de desacordo entre Nietzsche e Darwin, talvez tenhamos já uma indicação de como prosseguir nesse questionamento, ou seja, como a principal oposição destacada parece ser aquela entre a vontade de vida de Darwin e a vontade de poder de Nietzsche, talvez seja buscando entender a gênese desta última na obra

⁹ BROBJER, p. 237

¹⁰ FORNARI, p. 104

nietzschiana que poderemos compreender esse ponto de virada, crucial à filosofia tardia de Nietzsche.

Referências

BROBJER, Thomas. **Nietzsche and the “English”**: the influence of British and American thinking on his philosophy. New York: Humanty Books, 2008.

FORNARI, Maria Cristina. **O filão spenceriano na mina moral de Aurora**: Cadernos Nietzsche, n. 24, 2008, pp. 107-143.

FREUD, Sigmund. Uma dificuldade da psicanálise. In: **Obras completas** - Volume 14. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, pp. 179-187.

JOHNSON, Dirk R. Nietzsche's Anti-Darwinism. Cambridge: University Press, 2010.

Oscar Augusto Rocha Santos

Bolsista de doutorado CAPES/UFGM, e-mail: filoscar@yahoo.com.br

Recebido: 10/04/2015

Received: 04/10/2015

Aprovado: 04/05/2015

Approved: 05/04/2015